



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

VLADIMIR BUCAL

**IDENTIDADE, MIGRAÇÃO E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS: ESTUDO DE CASO
SOBRE ESTUDANTES GUINEENSES NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB/CE**

REDENÇÃO

2018

VLADIMIR BUCAL

**IDENTIDADE, MIGRAÇÃO E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS: ESTUDO DE CASO
SOBRE ESTUDANTES GUINEENSES NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB/CE**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Campos Lobo

REDENÇÃO

2018

SUMÁRIO

1. Apresentação	p. 05
2. Justificativa	p. 07
3. Contextualização/Problema de pesquisa	p. 09
4. Objetivos	p. 11
4.1 Objetivo geral	p. 11
4.2 Objetivos específicos	p. 11
5. Hipótese	p. 12
6. Fundamentação teórica	p. 13
6.1 A identidade: percurso do conceito	p. 13
6.2 Migração/imigração: processo de deslocamento dos estudantes guineenses	p. 16
6.3 Migração de estudantes e diálogo intercultural: os desafios da alteridade	p. 21
7. Metodologia	p. 26
Referências	p. 28

1 APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos os debates sobre os conceitos de identidade, migração e diálogos interculturais vêm ganhando espaço na área das Ciências Sociais, Hall (2005), Sayad (1998), Bauman (2005) por exemplo. Nesse sentido, o presente estudo busca entender o processo deslocamento-migração e diálogos interculturais de estudantes oriundos de diferentes partes da Guiné-Bissau¹ para as cidades de Redenção e Acarape (Ceará) a fim de estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab-CE)², assim também compreender como a alteridade é enfrentada pelo estudante migrante.

Identidade é um conceito que, epistemologicamente, sofreu muitas ressignificações, desde teóricos que o consideravam como algo permanente, até os que o conceituam como algo adquirido do convívio com as dimensões sociais que sofrem mutações ao longo delas. Para além disso, Bauman (2005) afirma que este conceito é extremamente contestado e controverso, já que é lida com ‘subjetividades’.

Manuseamos o conceito de migração/imigração concebendo-o como referido pelo sociólogo Abdelmalek Sayad (1998), onde ele discorre que imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço e, antes de mais nada, no espaço físico. Na concepção do teórico, o imigrante só existe na comunidade que assim o denomina a partir do instante em que passa as suas fronteiras e pisa em seu novo território. Sayad (1998) ainda frisa que o imigrante "nasce" nesse dia para a comunidade que assim o escolhe. Dessa forma:

Ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento” Esta seria outra versão do etnocentrismo: só se conhece o que se tem interesse em conhecer, entende-se apenas o que se precisa entender, a necessidade cria o

¹ A Guiné-Bissau situa-se na costa ocidental de África subsaariana e tropical, limitada a oeste pelo Oceano Atlântico, a norte pelo Senegal, a sul e leste pela Guiné Conakry. O país possui uma superfície de 36.125 km² e é constituída por uma parte continental e outra insular, que integra algumas dezenas de ilhas do arquipélago dos Bijagós. A Guiné-Bissau está dividida em 3 Províncias – Província Norte, Província Leste e Província Sul – e num Setor Autónomo, o Setor Autónomo de Bissau, equivalente a uma região administrativa. As Províncias subdividem-se em oito regiões. A norte, há as regiões de Biombo, Cacheu e Oio. A sul, Quinara e Bolama / Bijagós. E a este, as regiões de Bafatá e Gabu. Por sua vez, as regiões subdividem-se em 36 setores.

² A UNILAB nasce baseada nos fundamentos de cooperação solidária entre os países que fazem parte de CPLP, principalmente os países africanos dessa comunidade, com o propósito de oferecer cursos de nível superior que atendam às necessidades desses países através da cooperação conhecida como Sul-Sul. (UNILAB, 2010)

conhecimento; só se tem interesse intelectual por um objeto social com a condição de que esse interesse seja levado por outros interesses, com a condição de que encontre interesses de outra espécie (SAYAD, 1998, p.16).

Os deslocamentos humanos fazem parte da história da humanidade. Na migração temos o encontro entre pessoas de diferentes culturas, sejam de culturas regionais, nacionais e autóctones. Sayad (1998) aponta para a complexidade do fenômeno migratório entendido como um fato social completo e de natureza interdisciplinar.

Ainda, partindo do princípio de que o diálogo intercultural ocorre quando pessoas de diferentes culturas interagem e mantêm uma relação e comunicação aberta e respeitosa, compreendendo o que as outras culturas têm como expressão da sua diversidade nos seus valores, normas, crenças, características e tradições culturais, retomarei nesta proposta de estudo tal conceito. Dessa forma, o Livro Branco (2008), frisa que, o diálogo intercultural ajuda muito na integração tanto no âmbito político, social, cultural e econômico assim como na coesão de sociedade com diversas culturas. Ressalta ainda que o diálogo intercultural:

Favorece a igualdade, a dignidade humana e o sentimento de objetivos comuns; visa promover uma melhor compreensão das diversas práticas e visões do mundo, reforçar a cooperação e a participação (ou a liberdade de escolha), permitir o desenvolvimento e a adaptação dos indivíduos e, por último, promover a tolerância e o respeito pelo outro (LIVRO BRANCO, 2008, p.21)

Assim, o diálogo intercultural exerce um papel significativo dentro de uma sociedade ou um grupo, porque é capaz de ajudar na evolução da paz e acabar com preconceitos e estereótipos, possibilitando uma integração entre diferentes comunidades, como também entre diferentes grupos sociais.

Dessa forma, este projeto buscará compreender como se dão os processos de adaptação em um local diferente do lugar de origem, no sentido de avaliar quais são as dificuldades enfrentadas pelo estudante migrante. Por esse motivo, utilizaremos os autores já mencionados, como também Subuhana (2005), Sasaki & Assis (2000), o Livro Branco (2008), Bhabha (2007), entre outros, que nos ajudarão a construir o arcabouço teórico que norteará a discussão deste projeto de pesquisa.

2 JUSTIFICATIVA

Nos últimos tempos os debates sobre os conceitos de identidade, migração e diálogos interculturais vêm ganhando espaço na área das ciências sociais. Apesar das dificuldades e heterogeneidade que tais conceitos oferecem neste projeto elencaremos algumas dessas discussões que subsidiarão a proposta aqui apresentada.

Destarte, o nosso projeto de pesquisa visa entender o processo de deslocamento vivenciado por jovens africanos guineenses que migram para o Brasil com o objetivo de realizar a formação universitária, especificamente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Campus Ceará. Visamos também compreender sobre como ocorrem os diálogos interculturais entre estudantes guineenses e a comunidade local, ou seja, como se estruturam as relações entre aqueles que estão aportando em uma outra sociedade, que é a sociedade brasileira. Cabe fazer menção que as origens desses estudantes são diversas e refletem o mosaico étnico³ da Guiné-Bissau.

Um trabalho acadêmico é geralmente ligado ao olhar e a eleições de caráter subjetivo do pesquisador. Nesse sentido, decidi investigar processos migratórios e os diálogos interculturais de estudantes guineenses na Unilab, uma vez que sou proveniente de Bissau e, precisamente, em 2017, migrei para cursar o Bacharelado em Humanidades na universidade supracitada.

Por ter atravessado a experiência do deslocamento e ter que construir um território de existência no país que me acolheu, que optei por investigar situações de estudantes que, assim como eu, elegeram migrar (os quais partiram de diversas motivações), e que ao chegar no Brasil iniciaram processos de diálogos, muitas vezes intrincados com a comunidade local.

A experiência da migração não se encerra quando da chegada ao local visado, pelo contrário é na chegada do migrante que se iniciam os decursos de estranhamento, adaptação e trocas. Esses decursos podem ser complexos quando a alteridade é radical. Portanto, não basta analisar o número de estudantes provenientes de Guiné-Bissau que

³Aproximadamente trinta (30) grupos etnolinguísticos, entre eles: balantas (30%, vivem na região costeira do sul), fulas (20%, concentrados no leste do território), manjacos (14%, ocupam as áreas costeiras do centro e norte), mandingas (13%), papéis (7%), mancanhas, beafadas, bijagós, felupes, cassangas, banhus, baiotes, sussos, saracolés, balantas-mané e nalus, entre outros (IMPANTA, 2015).

aportaram na Unilab, mas investigar com densidade os fluxos, mas também o que chamaria de pós-migração, que são as situações de diálogos entre culturas. Em suma, este projeto visa compreender, qualitativamente, processos migratórios de estudantes guineenses em toda a sua complexidade, tomando a Unilab-CE como lócus de pesquisa⁴.

A relevância deste trabalho se insere a partir do objetivo de contribuir para potencializar o próprio projeto de internacionalização da UNILAB, o qual prevê, principalmente, a integração entre estudantes estrangeiros e brasileiros, para a promoção de justiça social e valorização da pluralidade na produção acadêmico-científica.

⁴ A Unilab é um lócus ideal para investigar como ocorrem diálogos interculturais, uma vez que esta Instituição foi criada “tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional”, de acordo com a lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, a qual Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira - UNILAB e dá outras providências.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO/ PROBLEMA DE PESQUISA

É notório que saindo do país de origem os imigrantes têm a tendência de se agrupar sempre num círculo onde predominam relações de solidariedade entre os que vieram do mesmo lugar. A partir desse agrupamento, a multiplicidade étnica deixa de ocupar o primeiro plano, de modo a facilitar o entendimento e a boa relação como forma de garantir ajudas mútuas entre migrantes.

Nesse sentido, este projeto visa analisar o processo migratório e os diálogos interculturais, tendo como público alvo estudantes de Guiné-Bissau na Unilab-CE, principalmente nos municípios de Redenção e Acarape, que fazem parte da macrorregião do Maciço de Baturité. O estudo tem como recorte temporal os anos de 2014 a 2017. Escolhi tal recorte porque tais estudantes ainda não concluíram o ciclo acadêmico da graduação e, portanto, será mais fácil para aceder às entrevistas.

No desenrolar do nosso projeto, o nosso foco está nos autores como, Sayad (1998), Hall (2005) e Bauman (2005) para discorrermos sobre a percepção do percurso da identidade, migração, análises de diálogos interculturais de estudantes guineenses. Sustentados nas considerações realizadas por esses autores, podemos perceber o quanto é mutável a identidade durante a migração e o quanto é importante o diálogo intercultural dentro de um grupo de estudantes oriundos da Guiné-Bissau que estão aportando em uma outra sociedade, que é a sociedade brasileira.

A imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço e, antes de mais nada, no espaço físico (Sayad, 1998). Segundo o autor, a imigração consiste no deslocamento de população por todas formas de espaço socialmente nobre, como no caso de espaços econômicos, políticos, no sentido duplo e cultural, sobretudo em seus espaços alegoricamente importante, o espaço linguístico, religioso, entre outros.

Diante das afirmações supracitadas, nos indagamos: como ocorre o encontro entre estudantes oriundos da Guiné-Bissau que estão aportando em uma outra sociedade, que é a sociedade brasileira? Para guiar a resposta dessa questão, busca-se firmar nas argumentações de Silva (2005), o qual alega que a inserção de imigrantes num contexto sociocultural diverso e quase sempre adverso, é um processo marcado por conflitos e estranhamentos, seja para os recém-chegados que não dominam os códigos culturais locais, seja para a sociedade receptora, que tende a vê-los a partir de estereótipos já

construídos, transformando as diferenças étnico-culturais em algo exótico ou depreciativo.

No entanto, o diálogo intercultural é como um instrumento que permite um equilíbrio ininterrupto entre viver em uma unidade e, ao mesmo tempo, em uma diversidade devido ao seu processo vivo de abertura de novas experiências que ampliam as identidades culturais.

Além da questão acima, para compreender esse processo de deslocamento vivenciado por jovens africanos/as guineenses que migram para o Brasil com o objetivo de realizar a formação superior, levantam-se também as seguintes questões: como esses estudantes entendem a experiência de sair do seu país? Como (re)constroem suas próprias identidades ao chegar em um local diferente do país de origem? Como se relacionam dentro deste novo contexto? Existe diálogo intercultural entre esses estudantes e a comunidade local? Como são as relações interétnicas entre os estudantes guineenses dentro da Unilab?

São a partir de tais questionamentos que este projeto de pesquisa se insere. Busca-se a compreensão de todo um complexo processo de deslocamento-migração que consiste em situações de adaptação, bem como diálogos interculturais entre guineenses e a comunidade local. Vê-se que o estudante migrante precisa acionar uma série de redes de solidariedade, além de buscar um território de existência para que o objetivo inicial de concretizar uma trajetória acadêmica seja efetivo.

Nesses termos, este projeto busca não apenas compreender as motivações para a migração de estudantes de Guiné-Bissau, mas analisar como se dá a chegada e a permanência em uma sociedade diferente da origem. Pretensões amplas, porém, necessárias para evidenciar a situação do estudante guineense na Unilab.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVOS GERAL

Analisar o processo de migração de jovens guineenses que se deslocam para o Brasil, especificamente para as cidades de Redenção e Acarape (Ceará) para estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab-CE), bem como compreender os diálogos interculturais que ocorrem entre esses estudantes estrangeiros e a comunidade local.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Compreender o processo de migração de estudantes guineenses: quem são, de onde provêm e quais as motivações para o deslocamento;
- ✓ Analisar como se dão os processos de adaptação em um local diferente do lugar de origem, no sentido de avaliar quais são as dificuldades enfrentadas pelo estudante migrante;
- ✓ Avaliar como ocorrem as trocas, diálogos e a convivência entre estudantes oriundos de diferentes lugares de Guiné-Bissau na chegada na Unilab-CE;
- ✓ Entender como a alteridade é enfrentada pelo estudante migrante.

5 HIPÓTESE

Considerando que a identidade é uma construção social, dinâmica e que atores sociais a utilizam de diferentes formas para a construção e reconstrução de suas identidades sociais e étnicas, neste trabalho, a nossa hipótese é de que neste processo de deslocamento/migração os estudantes Bissau-guineenses passam por experiências peculiares onde as suas múltiplas identidades – individuais e coletivas – são ressignificadas sempre em função de diferentes convívios que se interpenetram.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com a intenção de estabelecer uma sustentação para o nosso estudo, cujas abordagens conceituais principais são a identidade, a migração e os diálogos interculturais, é que faremos uma observação, precisamente, do caso sobre estudantes guineenses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab/CE.

Esta fundamentação teórica, de começo, incluirá um conjunto de autores para abordar o polissêmico conceito de identidade. Em seguida, abordaremos o conceito migração, com o objetivo de entender o processo de deslocamento vivenciado por jovens africanos/as guineenses que migram para o Brasil com o objetivo de realizar a formação superior, especificamente na universidade já citada.

Por fim, iremos nos centralizar nas análises de diálogos interculturais de estudantes guineenses, ou seja, como ocorre o encontro entre esses estudantes oriundos da Guiné-Bissau que estão aportando em uma outra sociedade, que é a sociedade brasileira.

6.1 A IDENTIDADE: PERCURSO DO CONCEITO

O conceito de identidade é excessivamente complexo e plural. Diante disso, iremos expor as diversas discussões sobre o conceito no percorrer dos períodos.

Augel (2007) afirma que a identidade é um conceito muito amplo, e é utilizado em várias disciplinas científicas em razão da heterogeneidade e transdisciplinaridade do conceito, bem como da extensão e diversidade da sua significação. Assim, torna-se difícil uma definição que abranja tantas áreas do conhecimento.

Portanto, procurando uma definição que seja a mais abrangente possível, pode-se dizer que:

A identidade é um processo de construção e de contínua revisão da imagem de si mesmo, processo esse que está no ponto de interseção entre biografia individual e interação social, passível tanto de influências pessoais como de meio social e cultural (NUNNING, 2001, p.267 apud AUGEL, 2007).

A identidade é algo que nos identifica, nos diferencia em relação de uma sociedade à outra. Trata-se de um conjunto de caráter próprio e exclusivo com os quais se pode diferenciar as pessoas. Neste contexto, Hall (1998) frisa que:

A identidade é [...] algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre sendo formada. (HALL, 1998, p. 38)

Segundo Rutherford (1990), citado por Impanta (2015), afirma que a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora, “[...] a identidade é a interseção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação” (RUTHERFORD, 1990, p. 19-20 *apud* IMPANTA, 2015).

Tomaz Tadeu da Silva (2004), por sua vez, diz que identidade, tal como diferença, constitui uma relação social. Isso significa que sua definição 'discursiva' e 'linguística' está sujeita a vetores de força e a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas e sim impostas. Elas não convivem simplesmente lado a lado, em um campo sem hierarquias, uma vez que elas são disputadas. Diante disso, Zygmunt Bauman (2005) traz outro conceito, dizendo que a identidade é:

Beco sem saída [...] numa sociedade que tomou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de 'solidificar' o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída (BAUMAN, 2005, p.12)

O teórico compreende que, a identidade é um “conceito altamente contestado”, ele reitera que sempre quando é falada essa palavra dali pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. “O campo de batalha é o lar natural da identidade” (BAUMAN, 2005, p.83).

Para ele, estamos cientes de que o "pertencimento" e a "identidade" não têm a firmeza de uma fraga, e nem são reservados para uma vida toda, eles são comerciáveis ainda invalidados, ele ainda frisa sobre os fatores que ele mesmo chama de cruciais tanto para o pertencimento como também para identidade. Esses fatores são: as decisões que o indivíduo próprio toma, caminhos que este percorre, forma ou modo como este age, e a firmeza; ou seja, a determinação de se continuar firme a tudo.

Segundo Bauman (2005, p.17) podemos afirmar com segurança que a globalização, ou melhor, a “modernidade líquida”, não é um quebra-cabeça que se possa

resolver com base num modelo preestabelecido. E, de certa forma, em uma era de globalização, a política da identidade está em um constante *vir a ser*, de modo que as identidades estão sempre se redefinindo em relação ao passado e com os olhos na ‘modernidade líquida’.

(...) A política de identidade, portanto, fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização. Mas muitos dos envolvidos nos estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história. É quando descobrimos a ambivalência da identidade: a nostalgia do passado conjugada à total concordância com a “modernidade líquida”. (...) Qualquer que seja o campo de investigação em que se possa testar a ambivalência da identidade, é sempre fundamental distinguir os polos *gêmeos que esta impõe à existência social: a opressão e a libertação*”. (BAUMAN, 2005 p.10-13).

Por sua vez, Hall (2005) realça que, epistemologicamente, o conceito de identidade sofre desvio e inicia a ser pensado como resultante de processos de convívio.

Enquanto que no caso de Manuel Castells (2001) as identidades são compostas de fontes de sentidos para seus próprios atores, construídas por meio de um processo individual. Ele mostra que, apesar da criação de uma nova identidade, ela é pautada em outra, nova. Para autor, um determinado indivíduo pode possuir várias identidades.

Diante disso, o teórico Stuart Hall (2005, p.7) destaca que a identidade torna-se uma:

(...) celebração móvel, já que o sujeito assume identidades diferentes, e estas variam de acordo com o momento. Assim, pode-se sugerir que a identidade do sujeito se torna uma extensão do “eu”. As identidades antigas estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e provocando a fragmentação do indivíduo moderno: (...) esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito (HALL, 2005, p.9).

Na próxima seção, discutirei a situação do migrante, em especial, no estudante Bissau-guineense, objeto deste projeto de pesquisa.

6.2 MIGRAÇÃO/IMIGRAÇÃO: PROCESSO DE DESLOCAMENTO DOS ESTUDANTES GUINEENSES

Outra questão que será utilizada no nosso trabalho é a da migração, no caso presente, e/imigração temporário. Iremos usar o termo imigração temporário que, conforme Subhuana (2013), o conceito de imigração em stricto sensu seria definitivo demais, uma vez que esses estudantes entram no Brasil com o Visto Temporário IV. Portanto, é um visto que sempre sofre a renovação e prorrogação anualmente até ser transformado em visto permanente.

Segundo Martins (1988, p.45) *apud* Sasaki & Assis, (2000), migrar temporariamente é mais do que ir e vir - é viver em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições em duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída de relações sociais historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente.

Se em termos demográficos - o temporário - é essencial para o estudo das migrações temporárias, em termos sociológicos o essencial é a concepção de ausência. É temporário, na verdade, aquele migrante que se considera a si mesmo 'fora de casa', 'fora do lugar' ausente, mesmo quando em termos demográficos tenha migrado definitivamente. A imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço e, antes de mais nada, no espaço físico, Sayad (1998). Segundo o autor a imigração consiste no deslocamento de população por todas formas de espaço socialmente nobre como no caso de (o espaço econômico, político no sentido duplo, cultural) sobretudo em seus espaços alegoricamente importante, o espaço linguístico, religioso entre outros.

Diante disso, Sayad (1998) compreende que, a imigração é um fato social completo. Uma característica em que há concordância na comunidade científica é que a migração é uma experiência plural e total: todo o guião do imigrante seria um guião "epistemológico", como diz Subuhana (2013), um itinerário que se daria no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas.

Para entendermos da imigração, segundo a afirmação de Sayad (1998), é necessário falar da sociedade como um todo, falar dela diacronicamente, ou seja, falar, numa perspectiva histórica da sociedade e de seu funcionamento; mas com a condição de não tomarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de uma de suas partes integrantes, qual seja, a parte relativa à emigração.

Na concepção do teórico, o imigrante só existe na comunidade que assim o denomina a partir do instante em que passa as suas fronteiras e pisa em seu novo território. Sayad ainda frisa que o imigrante "nasce" nesse dia para a comunidade que assim o escolhe. Dessa forma:

Ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento Esta seria outra versão do etnocentrismo: só se conhece o que se tem interesse em conhecer, entende-se apenas o que se precisa entender, a necessidade cria o conhecimento; só se tem interesse intelectual por um objeto social com a condição de que esse interesse seja levado por outros interesses, com a condição de que encontre interesses de outra espécie (SAYAD, 1998, p.16).

No entanto, o Antropólogo Carlos Subuhana (2013), explica que, o imigrante é aquele homem que vem de outro lugar, para o qual pode voltar a qualquer momento, ele "não seria apenas o indivíduo que é, mas também através de sua pessoa e pelo modo como foi produzido como imigrante, o seu país" (SUBUHANA, 2013, p.10). Porém, nesta lógica Sayad (1998), fala que "assim o quer a lógica das relações internacionais, a própria razão de ser dessas relações" (SAYAD, 1998, p.262). Sustento a ideia que o migrar, que envolve o mover-se, deslocar-se de um lugar ao outro, implica necessariamente o contato com o diverso, pertencer a uma cultura, a uma forma de compreender o mundo e passar a conviver com outra, a partir do deslocamento geográfico.

Os migrantes de todos os tempos, de acordo com Sasaki & Assis (2000), evocam diversas imagens: a partida, a viagem, o trajeto e a chegada a uma nova terra, constroem um fio e uma trajetória que os inquieta. A migração tem se constituído objeto de análise de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, podendo ser caracterizada como um campo multidisciplinar.

A dificuldade de elaboração do conceito de migração, Sasaki & Assis (2000) ao citar Martine (1980) enuncia que pode ser reflexo de uma discrepância conceitual entre as diferentes áreas e paradigmas epistemológicos que se ocupam do fenômeno.

Para outros autores como Oliveira e Stern (1971) citada pela Sasaki & Assis, (2000) e Baganha (2001) citada pela Sasaki & Assis (2000) pode ser consequência da ausência de uma teoria geral dos processos migratórios. Standing (1984) apud Sasaki e Assis, informa que essa dificuldade deve-se ao fato de que, para definir migração, há

que se considerar quatro dimensões cruciais: espaço, residência, tempo e atividade laboral.

De acordo com Sasaki & Assis (2000), o tema da migração não era uma questão relevante para os estudos sociológicos da virada do século XIX para XX. Sasaki & Assis (2000), ao referenciar Richmond (1988), reitera que, ao analisar os clássicos – Malthus, Marx, Durkheim e Weber – demonstra que a migração era analisada enquanto consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo, assim como os processos de industrialização e urbanização. Isto envolvia o declínio das comunidades rurais e a criação de culturas heterogêneas e cosmopolitas, na concorrência dos imigrantes por emprego e na luta para sobreviver numa cidade de ambiente estranho.

No entendimento de Sasaki & Assis (2000), Max Weber percebia a migração de forma menos definida. Isso porque ambos teóricos (Marx, Durkheim e Weber) estavam concentrados nas consequências da industrialização e crescimento do capitalismo. Para Malthus, Marx, Durkheim e Weber, segundo Sasaki & Assis (2000), a migração era analisada como consequência do desenvolvimento do capitalismo, que, por sua vez, dava-se através da industrialização, urbanização e mobilidade populacional. Ou seja, a migração era uma preocupação secundária para estes autores.

Ao longo dos anos 50, como uma das consequências das transformações políticas e econômicas do período pós-guerra, ocorreu uma reconfiguração dos fluxos migratórios internacionais. Novos grupos migrantes, tais como latino-americanos, asiáticos e outros, entraram no *melting pot* e evidenciaram a persistência dos grupos étnicos, o que colocou em questão os pressupostos assimilacionistas.

A partir dos anos 60, os estudos realizados podem ser caracterizados, segundo Poutignat & Streiff-Fenart (1998) *apud* Sasaki & Assis, (2000), como *revival* étnico e expressaram a crise das análises baseadas nos princípios da modernização.

Explorando a mesma temática, Impanta (2015), afirma que, uma outra contribuição teórica é a compreensão da migração a partir de estudos da sociologia e economia nos Estados Unidos, com ênfase na estratificação e divisão ou segmentação do mercado de trabalho nas sociedades industriais avançadas. Vivência a diversidade atravessando fronteiras nacionais, está, ora do outro lado do mundo, ora em um dos locais de maior intercâmbio de culturas do mundo, destino dos maiores fluxos migratórios da contemporaneidade.

Autora Adriana Capuano de Oliveira, numa coleção de Silvia Duarte Dantas (2012) intitulado “Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções

Psicossociais; Alteridade e Identidade: “Quem Somos”, “Quem São” nas Vivências de Processos Migratórios, mostra que nem sempre quem parte entende ou está consciente do que significa ser "brasileiro/a" que neste caso podemos também dizer “ser guineense” em outros territórios. É a este processo, que encerra o potencial de mudança a cada nova composição contextual, que nos reportaremos nesta proposição reflexiva, ao pensarmos identidade e alteridade, na realidade, processos identitários em contínuo diálogo com “o outro”.

A autora acima citada, frisa que a palavra alteridade, em sua origem latina, *alteritas*, tem como significado a ideia de transmissão de uma qualidade, uma condição, um estado de ser do “outro” (OLIVEIRA, 2012. p.87) . A este processo de reconhecimento através do “outro”, daquilo que não sou, damos o nome de alteridade, a qualidade e estado de ser do outro, que o diferencia de meu próprio “ser” e dos meus. Portanto, Oliveira (2012), sustenta que essa ação praticada cotidiana, quando introduzida em processos migratórios, no entanto, toma uma dimensão mais claramente, pois é dentro de relações entre imigrantes e naturais de um local, estrangeiros e nacionais, que a distinção se revela em todas as suas potências ou inteligências, fortificando assim as percepções de quem somos em contraposição às outras identidades e alteridades.

Para Hall (2003), a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. Com os novos e permanentes encontros culturais a questão da identidade está na ordem do dia, conforme frisa Hall (2003), a recente globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas de uma cultura nacional, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições e identificação, porém as identidades se tornam mais posicionais, mais políticas, mais plurais e menos fixas, gerando um efeito geral contraditório.

Entretanto, a partir da vivência do encontro com outra cultura o sujeito é convidado a questionar sua maneira de entender a realidade e integrar novas descrições e narrativas, ampliando suas possibilidades de Ser, isto é, sua identidade. Nessa perspectiva os processos migratórios trazem à tona a questão de diferenciação/ indiferenciação do sujeito em relação à sua família de origem, ou seja, ao fazer um deslocamento o indivíduo se vê diante de uma revisão em relação à sua condição de maturidade em relação a seu grupo familiar. Portanto é nesta dança de proximidade e afastamento que o indivíduo desenvolve sua identidade e constrói o seu caminho.

Bhabha (2007) afirma que somos obrigados a viver nas fronteiras do presente, nas quais o indivíduo, a identidade, a história e a cultura não se situam apenas no nível do grupo, da classe, da nação e, apesar de não perdermos a fisionomia original, ultrapassamos fronteiras e situamo-nos para além. E na percepção de Freitas (2013), a identidade carrega uma posição muito grande na teoria e na prática contemporânea, legalizando-se através de uma forte conotação política no enfrentamento das desigualdades e no reconhecimento das diferenças.

Hall (2003) frisa que os sujeitos que passam no processo "diaspórico" nunca poderão fazer a viagem da volta, ação de voltar à terra natal ou à "cena primária" de suas viagens, no momento presente se traduz num momento seguinte de suas rotas. É necessário vivenciar a formação profissional, constituída por um período de quatro, cinco ou mais anos de vidas.

Partindo desses "novos tipos de sujeitos" os quais possuem identidades não fixas, Stuart Hall (2003) sustenta que os indivíduos vêm passando por redefinições, ao destacar:

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...]. O próprio processo de identificação, através do qual nos projectamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2005, p.12).

Nessa concepção, os estudantes guineenses que migram para estudar no Brasil não poderão retornar à imagem primária de suas vindas, uma vez que a experiência com a cultura brasileira estará guardada em suas memórias/lembranças.

Segundo Freitas (2013), a diáspora tem a sua origem epistemológica do grego "*diasporein*", essa que significa "semear a dispersão de povos, que ajudaria num processo de tradução e redefinição identitária. Nesta mesma linha de entendimento, pessoas diaspóricas são aqueles que habitam, longe de sua terra natal, só que as suas origens ainda se mostram fixas, ou seja, enraizada pela língua falada, ou culturas produzidas.

A escolha de migrar para outro lugar permitiria uma experiência que Freitas (2013) chama de Pós-tradicional, a qual envolve não apenas uma mudança de itinerário ou de percurso, mas uma redefinição identitária. Nessa perspectiva a noção de identidade como uma celebração móvel (HALL, 1998) composta historicamente e não

biologicamente, se harmoniza perfeitamente com caso dos estudantes guineenses que migram para o Brasil em busca de formação superior.

Os estudantes guineenses vivenciam processos de deslocamentos, viagens, mudanças, novos aprendizados, novos contatos, novas negociações de amizade e sociabilidades, novas regras e valores.

Nesse jogo das identidades, importa não só adentrar os interstícios das redefinições vividas por jovens guineenses no Brasil. Importa, também, compreendê-las, analisá-las, interpretá-las. Hall (2003), frisa que, os processos diaspóricos são convenientes para criar "novos tipos de sujeitos", pois as identidades sofrem "metamorfoses", as quais se cruzam ou se "deslocam" reciprocamente. Neste contexto, a Freitas (2013), vem reiterando que a rigor, não estaria nenhuma identidade única, "mestra e abrangente" e ela exemplificou com classe social e do gênero, estes que são capazes de alinhar todas as diferentes identidades.

Para que continuarmos a compreender o conceito supracitado, a nossa intenção irá ainda tentar refletir e propor uma discussão acerca da alteridade e identidade de grupos de migrantes, no caso de estudantes guineenses que residem pelo motivo de estudo aqui no Brasil, em Acarape e Redenção-CE, cidades que albergam os *campi* dos Palmares, Liberdade e Auroras, respectivamente. Assim, faremos um arrazoado teórico sobre diálogos interculturais em contextos de migração.

6.3 MIGRAÇÃO DE ESTUDANTES E DIÁLOGO INTERCULTURAL: OS DESAFIOS DA ALTERIDADE

Como foi abordado na segunda seção do nosso trabalho sobre o conceito da migração/imigração, ainda continuaremos enfatizar que, os estudos sobre as migrações envolvem uma diversidade de abordagens teóricas ligadas às diferentes áreas interessadas na discussão dessa temática. Além de apresentar um amplo espectro de enfoques teóricos, a análise dos processos migratórios, em sua completude, envolve também diferentes motivações, que variam entre os indivíduos.

Destarte, para Martins (2014), imigração e emigração, são dois elementos característicos da ação de migrar, visto que o migrante sai do local de origem para se vincular. Da mesma maneira que o migrante depara o estranhamento das alteridades desconhecidas, seu espaço de origem também se encontra em movimento constante e, neste sentido, ele não encontrará, quando do retorno, o lugar como foi deixado. A autora reitera que "assim como os sujeitos que participam de sua vida do lugar deixado serão estranhos ao retorno e ao que retorna." (MARTINS, 2014, p.36)

Já na concepção de Silva (2005) a inserção de imigrantes num contexto sociocultural diverso, e quase sempre adverso, é um processo marcado por conflitos e estranhamentos, seja para os recém-chegados, que não dominam os códigos culturais locais, seja para a sociedade receptora, que tende a vê-los a partir de estereótipos já construídos, transformando as diferenças étnico-culturais em algo exótico ou depreciativo.

Enfatizando que nesta seção, não focaremos tanto no conceito supracitado, isto, porque o nosso grande enfoque recairá na compreensão de diálogos interculturais e alteridade dos estudantes Bissau-guineenses.

Segundo Silva (2017) o dialogo intercultural está sendo discutido como um dos instrumentos mais adequados para estabelecer um processo de interação entre diferentes culturas.

No entanto, o dialogo intercultural é como um instrumento que permite um equilíbrio ininterrupto entre viver em uma unidade e, ao mesmo tempo, em uma diversidade, devido ao seu processo vivo de abertura de novas experiências que ampliem as identidades culturais.

Segundo o Livro Branco⁵ (2008), o diálogo intercultural ajuda na integração tanto no âmbito político, social, cultural e econômico assim como na coesão da sociedade com diversas culturas. O Livro Branco (2008) ressalta ainda que o diálogo intercultural:

Favorece a igualdade, a dignidade humana e o sentimento de objetivos comuns; visa promover uma melhor compreensão das diversas práticas e visões do mundo, reforçar a cooperação e a participação (ou a liberdade de escolha), permitir o desenvolvimento e a adaptação dos

⁵ O Livro Branco sobre Diálogo Intercultural é o resultado de um árduo trabalho, de determinação e - sobretudo - de diálogo. Foi elaborado após extensas e longas consultas com os Estados- membros, as organizações da sociedade civil, as comunidades religiosas, os poderes locais e regionais e outros interlocutores.

indivíduos e, por último, promover a tolerância e o respeito pelo outro" (LIVRO BRANCO, 2008, p.21)

Assim, é necessário o exercício do diálogo intercultural durante todos os dias, essa necessidade é para superar as fracturas étnicas, religiosas, linguísticas e nacionais, e com desejo de garantir a coesão social e prevenir conflitos. O Livro Branco (2008) enfatiza que, o papel do diálogo intercultural numa determinada sociedade ou grupo com diversidades enormes é de extrema importância, assim podemos exemplificar no caso de imigrantes Bissau-guineenses que são portadores de diversidades culturais gigantesca, nesta razão, isso ajudará em acautelar divisões étnicas, religiosas linguísticas e culturais, além disso ajudará também na cooperação desse grupo e ainda contribuirá a aceitar identidades de cada um de uma forma benéfica e democrática.

Santos (2003) por meio do projeto cosmopolita, vem destacando algumas premissas para o diálogo intercultural, como no caso de superação do debate sobre universalismo e relativismo cultural, acionando assim o diálogo intercultural sobre cuidados convergentes; além da aceitação de que as culturas são incompletas e problemáticas.

Entretanto Guilherme De Araújo Silva (2017) reitera que:

Este processo não é definitivo, ou seja, a cultura pode decidir quando parar, se começar a perceber que sua identidade está se perdendo. O diálogo é um exercício mútuo de desfamiliarização, permitindo assim abrir a oportunidade para uma experiência cognitiva global (SILVA, 2017, p.115)

O livro Branco (2008) por sua vez, descreve o diálogo intercultural como um processo de troca de ideais aberto e educado entre pessoas e grupos com origens e tradições étnicas, culturais, religiosas e linguísticas diferentes, num espírito de entendimento e de respeito recíprocos. O diálogo intercultural desempenha uma função importante dentro de uma sociedade ou um grupo, porque pode contribuir na promoção de processos de entendimentos e banimento de preconceitos e estereótipos, assim facilitando um bom laço entre diferentes comunidades como também diferentes grupos sociais. A nossa identidade não é aquilo que nos torna iguais aos outros, mas o que nos distingue na nossa individualidade. O Livro Branco (2008) mostra que:

O diálogo intercultural é importante para a gestão da múltipla filiação cultural num ambiente multicultural. É um mecanismo que permite encontrar constantemente um novo equilíbrio identitário, que responde às novas aberturas ou experiências e que adiciona novas dimensões à identidade sem perda das próprias raízes (LIVRO BRANCO, 2008, p.22)

Entretanto, para o Livro Branco (2008) o diálogo intercultural ajuda-nos a evitar as dificuldades das políticas identitárias e a continuarmos abertos às exigências das sociedades modernas. Enfatizando que:

Existem muitas barreiras ao diálogo intercultural. Algumas devem-se à dificuldade de comunicar em várias línguas. Outras estão relacionadas com o poder e a política: a discriminação, a pobreza, a exploração – experiências que afetam com particular dureza as pessoas pertencentes aos grupos desfavorecidos e marginalizados – são barreiras estruturais que impedem o diálogo. (LIVRO BRANCO, 2008, p.27)

O ponto de vista intercultural proporciona o reconhecimento do "outro", através do diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, achando capaz de beneficiar a construção de um projeto conjunto, no qual as diferenças sejam integradas e façam parte dessa herança comum.

O ser humano tem relações complexas, ou seja, a relação do eu não é consigo mesmo, nem entre eu e o outrem apenas, mas entre diversas pessoas, em uma relação inserida na multiplicidade. A alteridade se coloca em uma situação a entender o outro em todas as suas grandezas e assim aceitá-los, mesmo diante de diversidades.

Diante disso, para Ivan Ribeiro Lazzari e Dirlei Weber da Rosa (2017) revela que para formar uma individualidade é necessário um coletivo, a diferença: “a diversidade cultural constitui a vida social, que não é apresentada de maneira estanque, mas dinâmica e por vezes conflituosa” (LAZZARI E ROSA, 2017, p.3).

Enquanto isso, Sayad (1998) enfatiza que a migração é um elemento característico do próprio sujeito social, diferente e interligado, como numa relação de alteridade, pois a alteridade se declara nas políticas que abrangem o ser migrante no espaço e no tempo. O conceito de alteridade parte do pressuposto de que todo indivíduo social é interdependente dos demais sujeitos de seu contexto social, isto é, o mundo individual só existe diante do contraste com o mundo do outro. Ele é um conceito que se

refere ao processo de interação e socialização humana no convívio entre o “eu” e o “outro”.

7 METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa procura analisar o processo de migração de jovens guineenses que se deslocam para o Brasil, especificamente para as cidades de Redenção e Acarape (Ceará) para estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab-CE), bem como compreender os diálogos interculturais que ocorrem entre esses estudantes estrangeiros e a comunidade local. Para execução deste estudo, será usada a pesquisa de caráter qualitativo, visto que essa pesquisa procura assimilar os indivíduos supracitados através do estudo das ações sociais. Como no entendimento de John Creswell:

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. (CRESWELL, 2011, p. 26)

Além disso, utilizaremos o método de entrevista semiestruturada para dar realce essencial aos estudantes da Guiné-Bissau, uma vez que se fazem de vital importância para a continuidade desse projeto. Demo (1995) enfatiza que a entrevista semiestruturada é como uma atividade científica que permite ao pesquisador descobrir a realidade. E quase na mesma linha de pensamento, Minayo (1996) defende este método como um fenômeno que permite aproximarmos os fatos ocorridos na realidade da teoria existente sobre o assunto analisado a partir da combinação entre ambos.

Desse modo, para se conseguir obter os objetivos propostos nesse estudo, nós não iremos apenas entrevistar os sujeitos citados acima e ter em mãos os discursos, mas também estar inserido no campo em questão. Adotaremos também o estudo de caso, dentro dos planos qualitativos que nos foram apresentados, que segundo Araújo (2008) trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Assim, segundo Yin (1994, *apud* ARAÚJO et al. 2008) “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida

real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definido”. O autor reitera que é a estratégia mais escolhida quando é necessário responder a questões do tipo “como” e “por quê” e ainda, quando o pesquisador possui pouco controle sobre os eventos pesquisados.

O estudo também projetará usar a técnica de observação participante, para compreender com mais perfeição sobre o processo de migração de estudantes guineenses: quem são, de onde provêm e quais as motivações para o deslocamento. Desta forma, o antropólogo James Clifford (1998), enfatiza que é um método que requer uma sensibilidade do praticante, e acrescenta:

A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, a vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais. (CLIFFORD, 1998, p. 20)

Também, com base na técnica de observação participante se conseguirá compreender e avaliar como ocorrem as trocas, diálogos e a convivência entre estudantes oriundos de diferentes lugares de Guiné-Bissau quando da chegada na Unilab-CE.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cidália et al. **Estudo de Caso. Métodos de Investigação em Educação**. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008.
Disponível em <http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>. Acesso em: 13/08/2018
- ASSIS, G. de Oliveira. **De Criciúma para Boston: Os novos migrantes brasileiros nos EUA e os re-arranjos familiares e de gênero**. 2004. 318. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas UNICAMP), Campinas, 2004.
_____. & SASAKI, Elisa Massae. “**Teorias das migrações internacionais**”. In: **XII Encontro Nacional da ABEP 2000** Caxambu, outubro de 2000 (GT de Migração Sessão 3 – A migração internacional no final do século).
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. v.2. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CLIFFORD, James. **A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ufrj, 1998.
- CRESWELL, W. John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3ª Ed., São Paulo, Atlas, 1995.
- FREITAS, Rilda Bezerra De. **Identidade e diáspora: a redefinição identitária de estudantes africanos no Brasil**. Revista espaço acadêmico – N°145- junho 2013
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª Edição, São Paulo, Editora Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. **Identidade Pós-Modernidade**. 3°. ed. Rio de Janeiro, 2005.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.
- IMPANTA, Iadira Antonio, **Estudantes guineenses na UNILAB, Ceará, Brasil: coexistência, representações interétnicas e questões de gênero**. Redenção, 2015.
- LAZZARI, Ivan Ribeiro e ROSA, Dirlei Weber da. **Alteridade e identidade cultural na pós-modernidade**, Anuário pesquisa e extensão Unoesc Joaçaba – 2017
- LIVRO BRANCO **sobre o Diálogo Intercultural: “Viver Juntos em Igual Dignidade”** (Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, Trad.). Conselho da Europa (Obra original publicada em 2008).

MARTINS, Isis do Mar Marques. **Permanência, alteridade e o poder dos *outsiders* – o caso dos imigrantes haitianos no Brasil: uma introdução**, *Entre-Lugar*, Dourados, MS, ano 5, n.7, 1. Semestre de 2014.

MINAYO, Maria Cecília de S.O **desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3.ed. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de. Alteridade e Identidade: “Quem Somos”, “Quem São” nas Vivências de Processos Migratórios. In: DANTAS, Sylvia Duarte (org.). **Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais**, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração: Ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SILVA, Guilherme De Araujo. **O diálogo intercultural como instrumento de universalização de valores**, // *Revista da Faculdade de Direito* // número 4 // segundo semestre de 2017.

SILVA, Sidney Antonio da. **A migração dos símbolos diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo**. São Paulo Perspec. vol.19 no.3 São Paulo July/Sept. 2005.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300007. Acesso em 07 de Agosto de 2018.

SILVA, Tomas Tadeu da (org.); **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.133.

SUBUHANA, Carlos. **Estudar no Brasil: Imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro**. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – ESS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.